

# LP6

2º BIMESTRE

ESCOLA: \_\_\_\_\_

ALUNO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

2011

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadoria de Educação

**EDUARDO PAES**  
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

**CLAUDIA COSTIN**  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

**REGINA HELENA DINIZ BOMENY**  
SUBSECRETARIA DE ENSINO

**MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS**  
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
**MARIA SOCORRO RAMOS DE SOUZA**  
COORDENADORIA TÉCNICA

**MARIA TERESA TEDESCO**  
CONSULTORIA

**RENATA RAMOS SADER**  
ELABORAÇÃO

**LEILA CUNHA DE OLIVEIRA**  
**MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA**  
**SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA**  
REVISÃO

**CARLA DA ROCHA FARIA**  
**LETICIA CARVALHO MONTEIRO**  
**MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA**  
DIAGRAMAÇÃO

**BEATRIZ ALVES DOS SANTOS**  
**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
DESIGN GRÁFICO

**Prezado/a Estudante,**

Você está recebendo o seu II Material Pedagógico para o estudo em Língua Portuguesa, neste ano de 2011.

NA TRILHA DA AVENTURA, você será conduzido a experimentar o universo vivido por personagens humanos como nós, que se lançaram a viagens desafiadoras sem temer abandonar a rotina em que viviam.

Vamos continuar a identificar as características de uma narrativa, com uma novidade: teremos ação, suspense e uma dose de humor.

Este material pedagógico inicia-se com um conto de fadas, gênero que você já conhece bem, e introduz a **aventura**, vivida num cenário similar ao da protagonista, mas com desafios bastante diferentes.

A partir daí, você conhecerá um pouco de alguns clássicos da literatura:

- “As aventuras de Tom Sawyer”, de Mark Twain;
- “As viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift;
- “Robinson Crusoé”, de Daniel Defoe;
- “Viagem ao centro da Terra”, de Júlio Verne.

Você poderá procurar o livro que preferir na sala de leitura de sua escola e viver, com os personagens, as mais diversas experiências. Todos estes livros também estão disponíveis em filmes. É mais uma opção! Mas, atenção! Alguns filmes recriam a obra original do autor, como “Viagens de Gulliver”, sugerido neste material. Por isso, é sempre bom reservar um tempo para a leitura. Você terá opções de leitura para este e os próximos bimestres de 2011. Aventure-se!

No I Material Pedagógico deste ano, você iniciou o estudo das classes gramaticais – substantivo e adjetivo. Agora, você reconhecerá a função do **pronome** em nossa língua. Vamos estudar, também, a importância da pontuação para o entendimento de uma mensagem.

Leia, atentamente, os textos, responda às questões propostas, consulte seu/sua Professor/a para esclarecer suas dúvidas e...

**ESCOLHA UM LIVRO PARA A SUA LEITURA!**

**BOM PERCURSO... NA TRILHA DA AVENTURA!**

*Renata Ramos Sader*

E/SUBE/CED

# NA TRILHA DA AVENTURA

No 1º bimestre, você embarcou no universo das fábulas e contos de fadas. Vamos iniciar, então, com a leitura de “Rapunzel”, conto de fadas que foi inspiração para o filme “Enrolados”, uma trama repleta de **aventuras**.



No livro “Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros”, apresentação de Ana Maria Machado e tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, sugerido para leitura no I Material Pedagógico, você encontrará uma versão mais completa do conto. Compare com a versão que será apresentada a seguir.

Agora, você fará uma leitura silenciosa de uma versão de “Rapunzel” – entre as muitas que existem – contida no livro “Contos de Andersen, Grimm e Perrault”, de Maurício de Sousa.



Glossário:  
compilado – reunido (compilar: reunir textos sobre determinado assunto)

**FIQUE LIGADO!!!!!!**



**Rapunzel** é um conto de fadas compilado no livro “*Contos para a infância e para o lar*”, dos Irmãos Grimm.

Nascidos na Alemanha, os Irmãos Grimm dedicaram a sua vida ao registro de histórias infantis e, assim, alcançaram fama e notoriedade.

Além das histórias que até hoje fazem parte do imaginário dos pequenos e adultos, os **Irmãos Grimm** contribuíram para a língua alemã com um dicionário, desenvolvendo um estudo aprofundado da língua e do folclore popular local.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

## TEXTO 1

## RAPUNZEL

Era uma vez uma mulher que estava grávida e, por uma janelinha, nos fundos da sua casa, podia avistar um magnífico jardim com as mais lindas flores e as mais viçosas hortaliças. O jardim era cercado por um muro bem alto, que ninguém se atrevia a escalar. Aquela propriedade pertencia a uma bruxa muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher avistou um canteiro com belos rabanetes de folhas verdes e fresquinhas e sentiu um enorme desejo de prová-los.

Como a cada dia seu desejo aumentava, ela foi ficando triste, abatida e adoentada. A mulher, então, comentou com o marido:

– Se eu não comer um rabanete do jardim da bruxa, vou morrer de tanta vontade!

O marido, que a amava muito, começou a pensar numa maneira de conseguir pegar alguns daqueles rabanetes, a qualquer custo.

Ao anoitecer, ele pulou para o quintal vizinho, arrancou um punhado de rabanetes e levou para a mulher, que preparou uma bela salada. Ela achou os rabanetes tão gostosos, que, no dia seguinte, seu desejo ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu que iria buscar mais um pouco.

Quando a noite chegou, o homem pulou novamente o muro, mas levou um tremendo susto, porque em pé, diante dele, estava a bruxa. Ele tentou se explicar:

– Desculpe, minha senhora. Só fiz isso porque minha mulher está grávida e com uma enorme vontade de provar os seus rabanetes.



amazing-disney-coloring-pages.blogspot.com

– Se é assim, deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar seu filho quando nascer. Cuidarei dele como se fosse meu e nada lhe faltará – concluiu a bruxa.

O homem estava tão apavorado, que concordou com a bruxa. Pouco tempo depois, a mulher deu à luz uma menina. Então, a bruxa apareceu, deu à criança o nome de Rapunzel e a levou embora.

Rapunzel cresceu e se tornou uma linda garotinha. Quando fez doze anos, a bruxa a trancou no alto de uma torre, no meio de uma floresta. Na torre não havia escada nem porta, apenas uma janelinha. Quando a velha bruxa desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava:

– Rapunzel! Rapunzel! Jogue suas tranças!

Então, Rapunzel abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças caíam e, por elas, a bruxa subia como se fossem cordas.

Alguns anos depois, o filho do rei estava cavalgando pela floresta e, passando perto da torre, ouviu um canto maravilhoso. Era Rapunzel, que cantava para espantar a solidão.

O príncipe procurou uma porta para subir ao alto da torre, mas não encontrou e acabou desistindo. Só que o príncipe não conseguia esquecer aquele canto, e todos os dias voltava à floresta para ouvi-lo.

Certa vez, quando o príncipe estava ali, escondido atrás de uma árvore, viu a bruxa se aproximar da torre e gritar:

– Rapunzel! Rapunzel! Jogue suas tranças!



Vendo a bruxa subir pelas tranças, ele pensou:

– Então é essa a escada que me levará à dona de tão encantadora voz...

No dia seguinte, quando escureceu, o príncipe se aproximou da torre e parou embaixo da janela.

– Rapunzel! Rapunzel! Jogue suas tranças! – gritou ele.

As tranças caíram pela janela e ele subiu. Rapunzel ficou assustada ao vê-lo entrar, mas o príncipe contou como ela havia tocado o coração dele com a sua voz. A bela garota percebeu que o amor do príncipe era sincero. E, quando perguntou se queria casar com ele, ela respondeu:

– Sim, quero ir com você! Só que, para eu descer, vou precisar que você traga um pouco de seda sempre que vier me ver. Com ela trançarei uma escada.

E assim foi, até que, um dia, sem querer, Rapunzel perguntou à velha bruxa:

– Por que será que é mais difícil sustentar a senhora em meus cabelos do que o príncipe?



abckids.com.br

Furiosa, a bruxa agarrou as belas tranças de Rapunzel e as cortou. Depois, a malvada levou a jovem para um deserto para que sofresse mais ainda com a solidão.

Na tarde do mesmo dia, a bruxa prendeu as longas tranças na janela e ficou aguardando a chegada do príncipe.

Quando o jovem chamou por Rapunzel, a bruxa deixou as tranças caírem e ficou esperando.

Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível bruxa.

– Ahá! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! E agora vou acertar as contas com você, atrevido!

Ao ouvir isso, o príncipe, desesperado, atirou-se pela janela. O jovem não morreu, mas machucou os olhos e não pôde enxergar mais. Ele vagou perdido pela floresta, lamentando e chorando a perda de sua amada.

Depois de alguns anos percorrendo o mundo em busca de sua amada Rapunzel, ele chegou ao deserto onde ela vivia.

Ouvindo um canto que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel, que logo o reconheceu e se atirou nos braços dele, chorando. Duas lágrimas de Rapunzel caíram nos olhos dele e, de repente, o jovem recuperou a visão.

Muito feliz, o príncipe levou Rapunzel para o seu reino, onde foram recebidos com grande alegria e, finalmente, puderam se casar.

SOUSA, Maurício de. *Contos de Andersen, Grimm e Perrault*. São Paulo: Girassol, 2008.

### I – COMPREENSÃO DO TEXTO

Responda às questões abaixo sobre o conto de fadas “Rapunzel”.

1. Por que o marido da mulher grávida arrancou um punhado de rabanetes do quintal vizinho?

---

---

2. Em troca da permissão concedida ao homem para levar os rabanetes, a bruxa fez uma exigência. Qual?

---

---

3. O que aconteceu à mulher assim que deu à luz?

---

---

4. O que chamou a atenção do príncipe, quando estava cavalgando pela floresta?

---

---

5. Qual foi a estratégia usada pelo príncipe para conhecer a moradora da torre?

---

---

6. Qual foi a reação de Rapunzel, ao descobrir que um príncipe subira por suas tranças?

---

---

7. Retire do texto o trecho que revela o momento em que a bruxa descobriu que Rapunzel recebia a visita do príncipe.

---

---

8. O que a bruxa fez com Rapunzel para impedi-la de reencontrar o príncipe?

---

9. Releia o seguinte trecho, retirado do conto de fadas “Rapunzel”.

*“Na tarde do mesmo dia, a bruxa prendeu as longas tranças na janela e ficou aguardando a chegada do príncipe.*

*Quando a jovem chamou por Rapunzel, a bruxa deixou as tranças caírem e ficou esperando.*

*Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível bruxa.*

*– Ahá! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! E agora vou acertar as contas com você, atrevido!”*

Indique o propósito comunicativo dos seguintes trechos da fala da bruxa ao encontrar o príncipe:

a) “Ahá! Você veio buscar sua amada?”

---

---

b) “Pois a avezinha não está mais no ninho, nem canta mais!”

---

---

11. O príncipe ficou tão desesperado com a ameaça da bruxa que se atirou pela janela? Qual foi a consequência desta atitude?

---

## Recapitulando...

Narrativa é o relato de um episódio, real ou fictício, ocorrido num determinado tempo e espaço, com personagens específicos.

O texto narrativo apresenta uma estrutura:

- **situação Inicial,**
- **complicação,**
- **clímax e**
- **desfecho.**

São elementos do texto narrativo: **narrador, enredo, personagens, espaço e tempo.**



## II – ESTRUTURA DA NARRATIVA

1. Identifique os quatro grandes estágios do conto “Rapunzel”:

ESTRUTURA DA NARRATIVA	TRECHOS DE “RAPUNZEL”
<p><b>Situação Inicial</b> – o narrador explica algumas circunstâncias da história. Apresenta a época, o local e os personagens que participam da narrativa.</p>	
<p><b>Complicação</b> – fase em que se inicia o conflito entre personagens.</p>	
<p><b>Clímax</b> – momento de maior tensão, estágio em que o conflito entre os personagens centrais chegam a um ponto tal que não é mais possível adiar o desfecho.</p>	
<p><b>Desfecho</b> – solução de um ou mais conflitos apresentados na narrativa.</p>	



abckids.com.br

2. Identifique os ELEMENTOS DA NARRATIVA:



portalsaofrancisco.com.br

**ELEMENTOS DA NARRATIVA**

**CONTO DE FADAS “RAPUNZEL”**

<p><b>Personagens</b> – seres que atuam no enredo com traços específicos.</p>	
<p><b>Tempo</b> – época em que aconteceram os episódios da narrativa.</p>	
<p><b>Espaço</b> – local onde o enredo acontece.</p>	
<p><b>Enredo</b> – conjunto de episódios que se encadeiam, num determinado tempo e ambiente, motivados por conflitos.</p>	
<p><b>Foco Narrativo</b> – posição tomada pelo narrador ao contar uma história.</p>	

## UM CONVITE PRA VOCÊ!

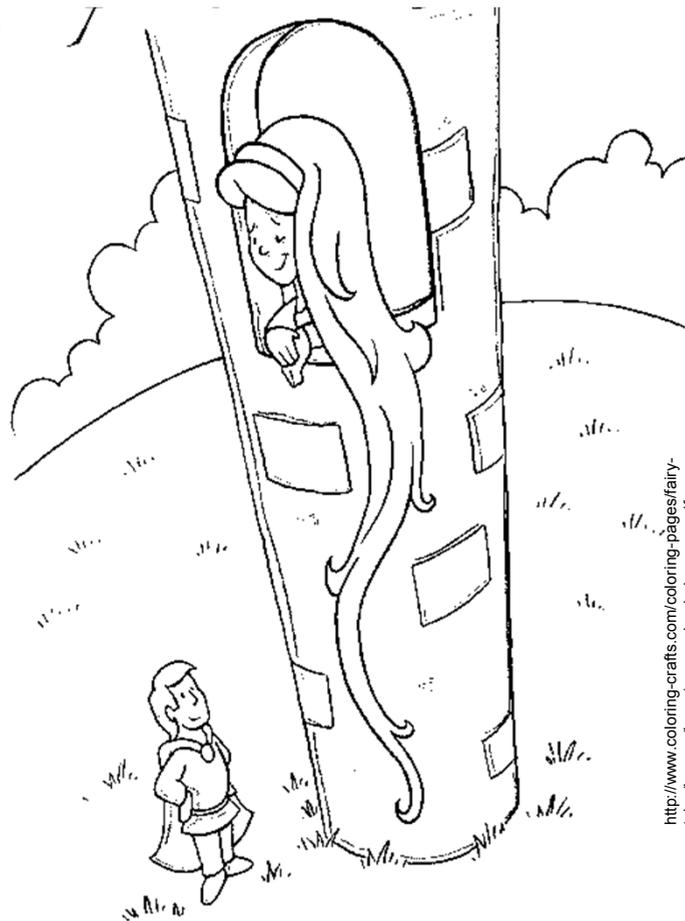


O cinema estreou, recentemente, o filme “Enrolados”. A narrativa é inspirada em “Rapunzel”, o conto de fadas que você acabou de ler e analisar.

No entanto, o enredo é outro. Mantendo alguns dos elementos principais do conto dos irmãos Grimm, “Enrolados” insere mais ação e aventura à trama. Rapunzel é uma princesa recém-nascida que, por conta de sua mãe ter comido uma planta mágica, adquiriu poderes em seus cabelos. É raptada e mantida numa torre sem acesso, até o dia em que um ladrão que foge de seus comparsas com a coroa do reino acaba encontrando a garota.

Flynn Ryder, ladrão e galanteador, figura masculina que não apresenta os requisitos do clássico príncipe encantado, vai ganhando espaço, até se tornar o dono do coração da jovem encantadora.

Um filme onde podemos encontrar aventura, emoção, romantismo, humor e... cabelos! As canções complementam o desenrolar dos fatos, encantando e divertindo.



<http://www.coloring-crafts.com/coloring-pages/fairy-tales/images/large/rapunzel-coloring-page.gif>

A canção “Quando minha vida vai começar?” registra o início do ciclo de aventuras que a protagonista irá vivenciar. E, neste momento, ela oscila entre a vida na torre e um mundo novo. Afinal, a bruxa sempre a convenceu de que o mundo é egoísta, cruel e sombrio.

Ouçã esta música em seu laboratório de informática, acessando a *internet*.

Acompanhe a letra e... solte sua voz!

## TEXTO 2

### QUANDO MINHA VIDA VAI COMEÇAR?

Até que enfim chegou  
É a minha hora  
O mundo está tão perto  
Eu preciso ousar  
Mas se tiver de ser  
Tem que ser agora  
Será?  
Não!  
Lá vou eu

Tocar a grama, a terra  
Do jeito que pensei  
Sentir o sopro da brisa  
Tal como imaginei  
Completamente livre  
Como sempre sonhei

Sair andando, correndo  
Dançando, em frente  
Pulando, cabelos voando  
Soltando, alisando e enrolando  
E enfim declarando  
Minha vida começa aqui



galeria.colorir.com



Agora, responda às questões propostas.

1. Retire, da música, os versos que comprovam que o eu poético exita em ousar – ser livre.

---

---

2. Qual é o sentido da expressão “até que enfim”, no primeiro verso?

---

---

3. Que verso expressa a decisão tomada pelo eu poético?

---

---

4. Como se estruturam as duas últimas estrofes?

---

---

5. Por que você acha que a princesa declara no último verso “Minha vida começa aqui.”?

---

---

No filme “Enrolados”, produzido por Walt Disney, há uma cena em que Rapunzel e Flynn assistem, em um barco, ao lançamento de centenas de lanternas luminosas. É a realização do sonho de Rapunzel. E quando um sonho se realiza... é o momento de sonhar outro. Muitas aventuras antecedem a cena final do filme.

Leia a música cantada num cenário mágico por dois personagens que descobrem, juntos, sua identidade.

Ouçã em seu laboratório de informática, acessando a *internet*.

### TEXTO 3

#### VEJO ENFIM A LUZ BRILHAR

##### Rapunzel:

Tantos dias olhando da janela  
Tantos anos presa sem saber  
Tanto tempo nunca percebendo  
Como tentei não ver?

Mas aqui, a luz das estrelas  
Bem aqui, vejo o meu lugar  
Sim, aqui consigo sentir  
Estou onde devo estar

Vejo enfim a luz brilhar  
Já passou o nevoeiro  
Vejo enfim a luz brilhar  
Para o alto me conduz  
E ela pode transformar  
de uma vez o mundo inteiro  
Tudo é novo pois agora eu vejo  
É você a luz

##### Flynn:

Tantos dias, sonhando acordado  
Tantos anos, vivendo a vida em vão  
Tanto tempo nunca enxergando  
as coisas do jeito que são  
Ela, aqui, à luz das estrelas  
Com ela aqui, vejo quem eu sou  
Ela que me faz sentir que eu sei pra onde vou

##### Rapunzel e Flynn:

Vejo enfim a luz brilhar

##### Flynn:

Já passou o nevoeiro

##### Rapunzel e Flynn:

Vejo enfim a luz brilhar

##### Rapunzel:

Para o alto me conduz

##### Rapunzel e Flynn:

E ela pode transformar  
de uma vez o mundo inteiro  
Tudo é novo pois agora eu vejo  
É você a luz  
É você a luz



jeniss.blogspot.com

#### LEITURA

Com a turma dividida em dois grupos, meninas e meninos, vamos acompanhar a canção. Quando estiver indicado “Rapunzel”, todas as meninas da turma cantam e, quando estiver indicado Flynn, é a vez dos meninos.

Atenção: há alguns momentos em que meninos e meninas deverão cantar juntos. Vamos lá! Vamos ver se vocês conseguem manter o ritmo. Ensaiem, primeiro, ao som da canção.

Você lembra que, em um conto de fadas, há sempre um elemento de transformação da situação inicial para a situação final do conto? Em “Rapunzel”, o elemento de transformação é a lágrima da princesa que salva o príncipe da cegueira. E em “Enrolados”? Qual(is) é(são) o(s) elemento(s) de transformação?

---



---



---

A música abaixo é o “Encanto da cura”. Ela vai ajudar você a responder à questão proposta.

**TEXTO 4**

**ENCANTO DA CURA**

Disney

Brilha, linda flor  
Teu poder venceu  
Trás de volta já  
o que uma vez foi meu

Cura o que se feriu  
Salva o que se perdeu  
Trás de volta já  
o que uma vez foi meu

Uma vez foi meu

**FIQUE LIGADO!!!!**



O desfecho de “Enrolados” é surpreendente e mantém a plateia atenta, em clima de suspense.

Flynn resistirá aos ferimentos? Como salvá-lo?



Você sabia que também podemos narrar por meio de uma HISTÓRIA EM QUADRINHOS?

As famosas HQs, que tanto nos divertem em jornais, revistas ou gibis, caracterizam-se, principalmente, pela articulação entre elementos das linguagens verbal (língua escrita, nos balões) e não verbal (imagens, cores), apresentados numa sequência de quadrinhos.

O texto 5 faz uma **paródia** de uma cena do conto Rapunzel. Paródia é a recriação de um texto já existente. Vamos à leitura e, a seguir, responda às questões propostas.

**TEXTO 5**



1. Compare a expressão de Rapunzel no segundo e último quadrinho. Por que há alteração?

---



---



---

2. Qual é o sentido da expressão “Pronto, meu amor!”?

---



---



---

3. Qual é o efeito de sentido das reticências no último quadrinho?

---



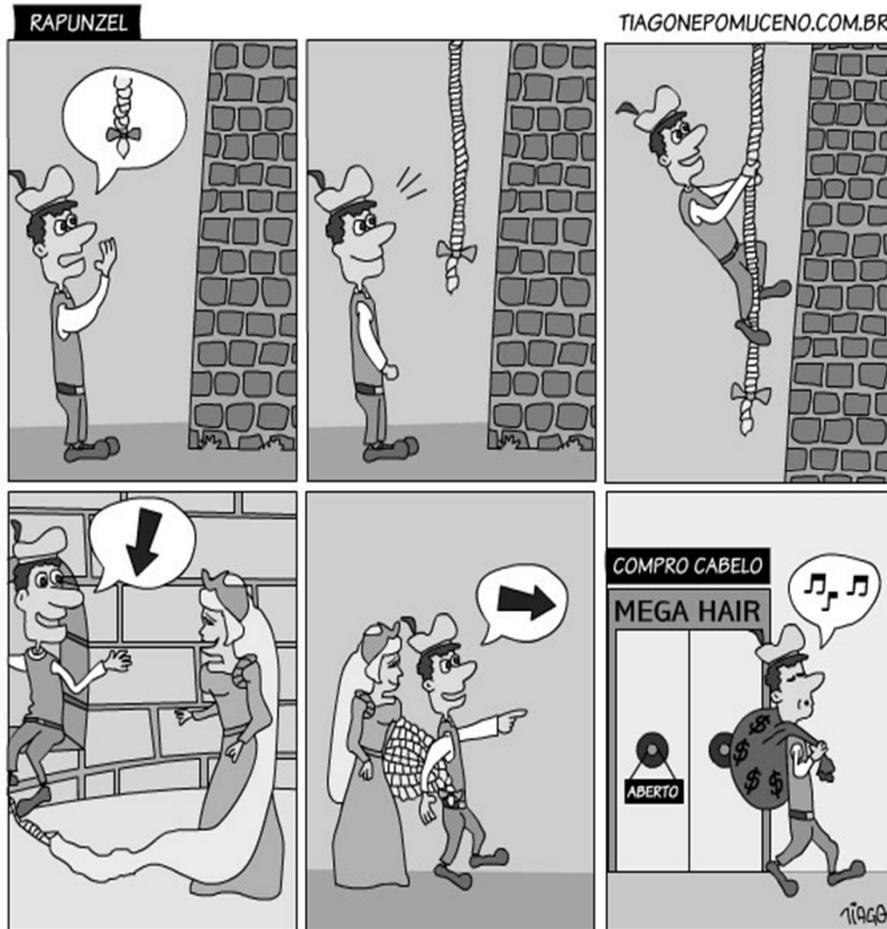
---



---

A história em quadrinhos abaixo apresenta uma sequência de imagens, mas não há texto escrito.

**TEXTO 6**



1. Compare esta história em quadrinhos com o conto de fadas “Rapunzel”

a) quanto à intenção do príncipe:

---

---

---

---

---

---

---

---

b) quanto à estrutura;

---

---

---

---

---

---

---

---

2. No primeiro quadrinho, a fala do príncipe é representada por uma trança. Com base no conto de fadas, o que ele estaria falando?

---

---

---

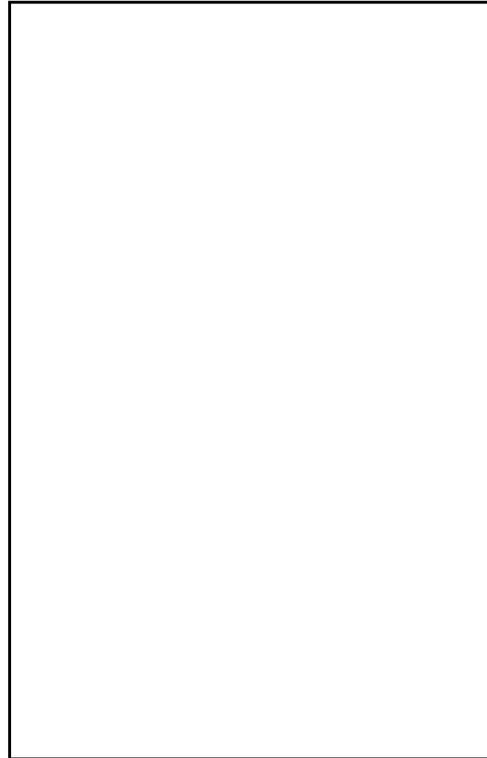
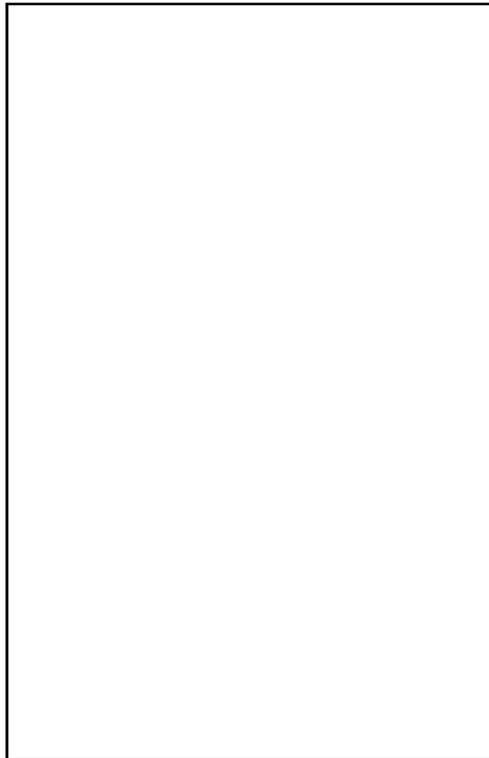
---

# Espaço criação!

Voltando ao texto da página anterior: o que aconteceu com a princesa após o último quadrinho?

Continue, aqui, esta história em quadrinhos.

Use sua criatividade e capriche nas ilustrações!



No I Material Pedagógico, você aprendeu que as palavras em Língua Portuguesa são classificadas de acordo com as funções exercidas dentro de um contexto.

Você estudou duas importantes classes de palavras: o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO.

**SUBSTANTIVO** – palavra com que designamos ou nomeamos:

- a) seres em geral, animados ou inanimados, visíveis ou não;
- b) ações, estados, sentimentos, desejos.

**ADJETIVO** é essencialmente um qualificador do substantivo. O adjetivo é utilizado para caracterizar os seres, os objetos ou as noções substantivas.

Vamos conhecer a função de outra classe de palavras: os PRONOMES. Assim como os substantivos, os PRONOMES fazem referência aos seres, ações, estados, sentimentos que nos rodeiam.

**PRONOME** é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo.

Voltemos ao conto de fadas “Rapunzel”.

*“Um dia, espiando pela janelinha, **a mulher** avistou um canteiro com belos rabanetes de folhas verdes e fresquinhas e sentiu um enorme desejo de prová-los.*

*Como a cada dia **seu** desejo aumentava, **ela** foi ficando triste, abatida e adoentada. **A mulher**, então, comentou com o marido:*

*– Se **eu** não comer um rabanete do jardim da bruxa, vou morrer de tanta vontade!” (2º a 4º parágrafos)*

O substantivo “**mulher**”, neste trecho, aparece repetido duas vezes. No entanto, as palavras **ela** e **eu** substituem “**mulher**”. A palavra “**seu**”, que acompanha outro substantivo, “**desejo**”, refere-se à mulher. Eles são chamados PRONOMES.

Leia como seria escrito o mesmo trecho, se os pronomes não existissem.

Um dia, espiando pela janelinha, **a mulher** avistou um canteiro com belos rabanetes de folhas verdes e fresquinhas e sentiu um enorme desejo de prová-los.

Como a cada dia o desejo **da mulher** aumentava, **a mulher** foi ficando triste, abatida e adoentada. **A mulher**, então, comentou com o marido:

– Se **a mulher** não comer um rabanete do jardim da bruxa, morre de tanta vontade!

Os pronomes nos ajudam a evitar repetições tanto na fala quanto na escrita.

Existem três pessoas gramaticais ou pessoas do discurso:

1ª pessoa: a pessoa que fala;

2ª pessoa: a pessoa com quem se fala;

3ª pessoa: a pessoa de quem se fala.

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a aula  
de nº 16:  
Variantes  
Linguísticas  
Sociais – Uso de  
Pronomes.



O pronome pode assumir algumas funções nas frases. Veja, abaixo, essas funções.

- ▶ Indicar uma das três pessoas do discurso, substituindo um substantivo:

“– Se **eu** não comer um rabanete do jardim da bruxa, vou morrer de tanta vontade!” (4º parágrafo)

↘ mulher

“Um dia, espiando pela janelinha, a mulher avistou um canteiro com belos rabanetes de folhas verdes e fresquinhas e sentiu um enorme desejo de prová-**los**.” (2º parágrafo)

↘ rabanetes

- ▶ Fazer referência às pessoas do discurso, apresentando-as como possuidoras de algo:

“Como a cada dia **seu** desejo aumentava, ela foi ficando triste, abatida e adoentada.” (3º parágrafo)

- ▶ Indicar posição de algo em relação às pessoas do discurso:

“– Então é **essa** a escada que me levará à dona de tão encantadora voz...” (19º parágrafo)

- ▶ Retomar um termo expresso anteriormente:

“Era uma vez uma mulher **que** estava grávida e, ...” (1º parágrafo)

- ▶ Referir-se à 3ª pessoa do discurso quando considerada de modo vago, impreciso ou genérico, representando pessoas, coisas e lugares:

“O jardim era cercado por um muro bem alto, que **ninguém** se atrevia a escalar.” (1º parágrafo)

- ▶ Formular perguntas direta ou indireta:

*Quem ousaria invadir a propriedade da bruxa?*



## Agora, é a sua vez!

Volte ao conto de fadas “Rapunzel”, numere os parágrafos e identifique a que termo os pronomes destacados fazem referência.

a) “**Ela** achou os rabanetes tão gostosos, que no dia seguinte **seu** desejo ficou ainda mais forte.” (6º parágrafo)

---

---

b) “Só fiz **isso** porque **minha** mulher está grávida e com uma enorme vontade de provar os **seus** rabanetes.” (8º parágrafo)

---

---

---

c) “– Sim, quero ir com **você!**” (23º parágrafo)

---

d) Furiosa, a bruxa agarrou as belas tranças de Rapunzel e **as** cortou. (26º parágrafo)

---

e) Ouvindo um canto **que** lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel, **que** logo o reconheceu e **se** atirou nos braços dele, chorando. (33º parágrafo)

---

---

---

---

Como você já aprendeu, a função de um pronome em nossa língua, vamos à leitura de um poema, cujo título é bastante sugestivo – “Sinfonia dos pronomes”, publicado numa campanha destinada à divulgação de poesias.

**TEXTO 7**

SINFONIA DOS PRONOMES

Às vezes estou eu. Outras com ele ou elas.  
Ficamos nós. O tempo passa...  
Canso-me!

Quero retornar a ser só.  
Aprendi a ser só. Canso-me de nós.  
Enfim, outros se cansam de mim.

É círculo, roda, místico, realístico.  
Canso de nós. Outros se cansam de mim.  
E a roda vai girando, circulando, cansando,  
Alegrando, alterando, dando canseira, cansaço!

Ao rever as amizades, a felicidade me invade!  
ELAS! NÓS! VÓS! ELA! ELES! ELE! VOCÊ E EU!

Encontros, desencontros, reencontros...  
Até a voltar a estar só. Querer ser só!



pr-off.zip.net

Querer ser só  
Para me inspirar, pintar, poetizar, descansar  
E com Deus sintonizar.

Querer ser só,  
Para fazer minhas coisas e deixar você fazer as suas!  
É a sinfonia dos nomes sem nomes.  
OS PRONOMES.

Por fim quero fugir de nós. Não posso fugir de mim.  
Não posso ser você ou ela!  
Olho pelas janelas dos olhos, vejo vocês e me isolo.  
Meu corpo é a cela que me trancafia.  
Minha alma é mista de tortura e alegria.  
Sendo eu, sou só comigo e com minha poesia!

Enviada por Salva Saúdo, de Campinas.

[http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod\\_conteudo=20528&adm=1](http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=20528&adm=1). Em  
20/03/2011

1. Acompanhe a definição de “sinfonia” e associe-a ao poema.

Sinfonia é uma composição musical longa para ser tocada por orquestras, geralmente dividida em vários "movimentos".

<http://lazer.hsw.uol.com.br/sinfonia.htm>

---

---

2. Qual é o efeito de sentido

a – das reticências no terceiro verso “O tempo passa...”

---

b – do ponto de exclamação no quarto verso “Canso-me!”

---

3. Retire do poema os versos em que o eu poético revela o porquê de “querer ser só” .

---

---

4. Explique o sentido dos versos:

a - Meu corpo é a cela que me trancafia.

---

b - Minha alma é mista de tortura e alegria.

---

5. Por que o eu poético afirma que os pronomes são “*nomes sem nomes*”?

Você observou que Rapunzel e Flynn, em “Enrolados”, viveram algumas aventuras.

Mas, em que consiste uma NARRATIVA DE AVENTURA? O protagonista de uma narrativa de aventura, normalmente, é um valente herói que vive as mais surpreendentes situações. O aventureiro não se abate diante dos sucessivos desafios e envolve-se numa sequência de peripécias para escapar do perigo. A ação é um elemento fundamental da narrativa de aventura.

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a aula  
de nº 12:  
Narrativas de  
suspense e  
aventura –  
características e  
temáticas.



### VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM PEDRO MALASARTES?

Malasartes é um personagem tradicional nos contos populares, exemplo de trapaceiro invencível e astucioso. Vamos ler um texto, retirado do livro “As Aventuras de Pedro Malasartes”, de Júlio Emílio Brás.

#### TEXTO 8

#### A PANELA MÁGICA

Malasartes não perdia a oportunidade de divertir-se e de alguma forma lucrar à custa da ingenuidade ou da esperteza dos outros. Surgida a oportunidade, ele pensava rápido.

Recordo-me de certa vez em que ele, viajando pelo mundo, sua maior paixão, comprou uma panelinha (e de vez em quando ele adquiria as coisas da maneira mais convencional) para fazer comida. Pouco depois, acampado no meio do mato, lá estava ele cozinhando seu almoço, quando avistou um grupo de tropeiros passando pela estrada. Um deles acenou para ele.

– O cheiro está muito bom, moço – comentou o tropeiro. – Tem pra mais um aí?

Malasartes sorriu astuciosamente e respondeu:

– Como não? Chegue mais perto, viajante!

Enquanto os tropeiros desmontavam e se aproximavam, apressou-se em cavar um buraco e empurrou para dentro todas as brasas e tições, cobrindo tudo com a terra. Em seguida, colocou por cima a panela que servia, o cheiro do ensopado espalhando-se convidativamente em todas as direções. Os tropeiros ficaram espantados ao ver a panela fervendo sem fogo algum.

– Mas como é que você consegue? – espantou-se um deles. – Ninguém consegue cozinhar sem fogo...

Malasartes, muito cândida, mas falsamente, explicou que aquela panela era mágica.

Claro, de início ninguém acreditou, mas, como o ensopado continuava a ferver dentro da panela, as dúvidas começaram a aparecer.

– Será que é mesmo?

– Você não quer vendê-la? – perguntou um deles.

– Ah, não – respondeu Malasartes. – Eu paguei bem caro por ela e ...

– Nós pagamos mais! – juntou um dos tropeiros.

– Não sei, não. Eu a comprei faz tempo e numa cidade longe daqui. Nem sei se poderei comprar outra.

– A gente vai lhe dar dinheiro suficiente para comprar outra... – garantiu um terceiro.

Malasartes encarou-os.

– Mesmo?

– Com certeza – e os tropeiros se consultaram e, mais do que depressa, o dinheiro foi rapidamente retirado dos bolsos e amontoado na mão de um deles. – Isto é o bastante?

– Eu acho...

Antes que Malasartes dissesse qualquer coisa, os tropeiros ofereceram um de seus cavalos.

– Está bem – Malasartes finalmente concordou, acrescentando: – Acho que, com o cavalo, minha viagem será mais curta e eu consigo comprar outra panelinha.

E, dizendo isso, montou e disparou para bem longe dos tropeiros, que só mais tarde descobriram que haviam sido enganados.

Responda às questões abaixo, a partir da leitura do texto “A panela mágica”.

1. Qual o plano arquitetado por Malasartes ao avistar um grupo de tropeiros passando pela estrada?

---



---

2. Por que os tropeiros acreditaram que aquela verdadeiramente era uma panela mágica?

---



---

3. No trecho “Isto é o bastante?”, o pronome *isto* substitui que termo no texto?

---



---

4. Identifique os elementos da narrativa “A panela mágica”.

<b>Personagem</b>	
<b>Tempo</b>	
<b>Espaço</b>	
<b>Enredo</b>	
<b>Foco narrativo</b>	



alessandraerafael.blogspot.com

VOCÊ LEMBRA?

Narrador é aquele que conta a história.

Para que o leitor conheça os pensamentos e as palavras ditas pelos personagens, o narrador dispõe do:

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a  
aula de nº 15:  
Uso do  
Discurso  
Direto e do  
Discurso  
Indireto.



a) DISCURSO DIRETO – reproduz a fala dos personagens, tal como foi dito.

No discurso direto, conhecemos os personagens por meio de suas próprias palavras.

“– Nós pagamos mais! – juntou um dos tropeiros.

– Não sei não. Eu a comprei faz tempo e numa cidade longe daqui. Nem sei se poderei comprar outra.” (13º e 14º parágrafos)

b) DISCURSO INDIRETO – o narrador funciona como testemunha dos fatos e transmite ao leitor o que foi dito pelos personagens, sem a preocupação com as palavras e estrutura linguística utilizadas.

O trecho destacado acima, utilizando o discurso indireto, poderia ser escrito assim:

“Um dos tropeiros disse que poderiam pagar mais. Malasartes, no entanto, ficou em dúvida. Revelou que havia comprado aquela panela numa cidade distante e que não sabia se poderia comprar outra.”

A língua oral apresenta um conjunto de características – entonação, pausas, melodia, silêncios – que são representados por meio de recursos visuais específicos – os SINAIS DE PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação servem para estruturar as frases e dar-lhes sentido. Conferem ritmo e sentido ao que se deseja transmitir.

Vamos sistematizar algumas noções sobre pontuação, exemplificando com trechos do texto “A Panela Mágica!

### PONTO ( . )

Usado para indicar o final de uma frase declarativa.

“*Malasartes não perdia a oportunidade de divertir-se e de alguma forma lucrar à custa da ingenuidade ou da esperteza dos outros.*” (1º parágrafo)

### DOIS PONTOS ( : ) e TRAVESSÃO ( – )

São utilizados na reprodução de diálogos.

“*Malasartes sorriu astuciosamente e respondeu:*

– *Como não? Chegue mais perto, viajante!*” (4º e 5º parágrafos)

Neste trecho, os dois pontos foram utilizados para indicar que será iniciada a fala de um personagem e o travessão (–) para dar início a fala do personagem.

Já no trecho:

“– *Será que é mesmo?*

– *Você não quer vendê-la? – perguntou um deles.*” (10º e 11º parágrafos)

O uso de travessão no início do parágrafo indica a mudança de interlocutor no diálogo.



### PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Um sinal de pontuação que enfatiza as seguintes emoções: surpresa, espanto, arrebatamento, entusiasmo, cólera, dor.

– *Nós pagamos mais! – ajuntou um dos tropeiros. (13º parágrafo)*

Neste caso, sugere convicção.

### PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

É usado para fazer perguntas.

– *Será que é mesmo?(10º parágrafo)*



soportugues.com.br

### PARÊNTESES ( )

Os parênteses se interpõem num texto para adicionar informação, normalmente explicativa.

“*Recordo-me de certa vez em que ele, viajando pelo mundo, sua maior paixão, comprou uma panelinha (e de vez em quando ele adquiria as coisas da maneira mais convencional) para fazer comida.*” (2º parágrafo)

## VÍRGULA ( , )

a) É usada para marcar uma pausa do enunciado.

– *O cheiro está muito bom, moço – comentou o tropeiro.* (3º parágrafo)

b) Para isolar o interlocutor com o qual falamos.

*Pouco depois, acampado no meio do mato, lá estava ele cozinhando seu almoço, quando avistou um grupo de tropeiros passando pela estrada. Um deles acenou para ele.*

c) Para isolar a expressão que indica lugar e tempo.

## RETICÊNCIAS ( ... )

Promovem a suspensão da melodia da frase.

No trecho:

“– *Ah, não – respondeu Malasartes. – Eu paguei bem caro por ela e ...*

– *Nós pagamos mais! – ajuntou um dos tropeiros.*” (12º e 13º parágrafos)

a) indica a interrupção da fala de um personagem pela de outro.

Já no trecho:

“– *Eu acho...*”

*Antes que Malasartes dissesse qualquer coisa, os tropeiros ofereceram um de seus cavalos.* (19º parágrafo),

b) as reticências, além de indicar a interrupção da frase, podem estar reproduzindo a dúvida, hesitação do falante.

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a  
aula de nº 11:  
Emprego de  
Sinais de  
Pontuação e  
Recursos  
Prosódicos.



Na comemoração do centenário da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), foi lançada a seguinte campanha para divulgar o trabalho desenvolvido pela instituição ao longo de seus 100 anos.

**TEXTO 9**

**A vírgula! Nos 100 anos da ABI**

**Campanha dos 100 anos da ABI – Associação Brasileira de Imprensa**

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.  
Não, espere.  
Não espere.

E vilões.  
Esse, juiz, é corrupto.  
Esse juiz é corrupto.

Ela pode sumir com seu dinheiro.  
23,4.  
2,34.

Ela pode ser a solução.  
Vamos perder, nada foi resolvido.  
Vamos perder nada, foi resolvido.

Assista à campanha,  
acessando o site  
<http://vimeo.com/10203432>.

Pode ser autoritária.  
Aceito, obrigado.  
Aceito obrigado.

A vírgula muda uma opinião.  
Não queremos saber.  
Não, queremos saber.

Pode criar heróis.  
Isso só, ele resolve.  
Isso só ele resolve.

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

<http://joaoanele.spaceblog.com.br/171279/Campanha-dos-100-anos-da-ABI-Associacao-Brasileira-de-Imprensa/>

Você observou que o sentido de um mesmo enunciado muda de acordo com a posição da vírgula?

Com base no texto, o que significa “lutar para que ninguém mude uma vírgula de posição”?

Você já aprendeu que “ponto final” é um sinal de pontuação que indica o final de uma frase.

Vamos ler a música “Ponto Final”, de Rodriguinho.



**TEXTO 10**

**PONTO FINAL**

Rodriguinho

Tudo é motivo  
Pra gente sentar e conversar  
Nosso jeito de fazer as pazes já não dá  
Tua paciência não é a mesma  
De quando a gente se conheceu  
Tudo mudou  
Você e eu

No sofá da sala já tem travesseiro e cobertor  
E já não importa se faz frio ou faz calor  
Toda noite é assim  
Madrugada não tem fim  
E você cada vez tá mais longe de mim

Eu só quero o seu bem  
Nunca mais brigar  
Te fazer a pessoa mais feliz da vida  
E com mais ninguém me relacionar  
Pois você é o meu ponto final

Eu gosto de você  
E você gosta de mim  
A gente não pode continuar assim  
Se não é ponto final

Responda às questões propostas sobre a musica “Ponto Final”.

1. Qual a intenção comunicativa do eu poético no trecho “No sofá da sala já tem travesseiro e cobertor / E já não importa se faz frio ou faz calor”.

---

---

---

2. Qual é o sentido da palavra “ponto final” no 17º verso, “Pois você é o meu ponto final”?

---

---

---

3. Retire do texto um trecho que apresenta uma marca de oralidade.

---

---

4. Justifique o título da música.

---

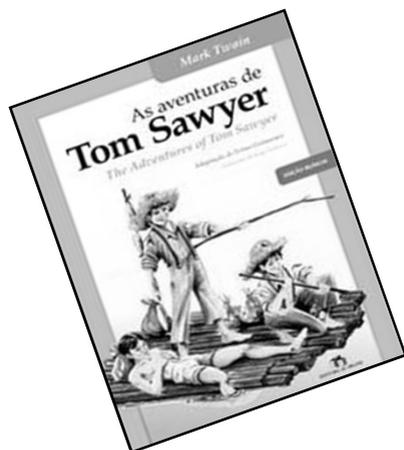
---

---

---

## AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Esta é uma narrativa divertida, que conta as aventuras de um garoto traquina que sabe ser solidário.



As aventuras não são poucas: caças a tesouros, visitas noturnas a cemitérios, perseguições de bandidos, e até uma enrascada em uma caverna. A grande marca desse personagem é a astúcia e esperteza empregada para se livrar das situações perigosas em que se envolve. Mesmo considerado rebelde por infringir algumas regras, ele sempre procura uma saída que não prejudique ninguém. Por esta e outras características, que cabe a você descobrir, Tom Sawyer é considerado um herói entre os leitores.

**Visite o site da Educopédia.  
Selecione em Extras: Grandes  
Obras, a aula de nº 4:  
Tom Sawyer.**



**FIQUE LIGADO!!!!**



Mark Twain, autor de “As aventuras de Tom Sawyer”, nasceu em 1835 e morreu em 1910.

Coincidentemente, o planeta Halley, que passa pela Terra a cada 76 anos, estava no interior de nosso sistema solar nessas duas datas. O escritor, segundo alguns, chegou a dizer que gostaria de, assim como foi “trazido”, ser levado pelo cometa. Foi o que aconteceu!

## TEXTO 11

### AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

[...]

No dia seguinte, Tom e Huck marcaram um encontro, pois tinham muito para conversar. Através do sr. Jones e da viúva Douglas, Huck inteirou-se de todas as aventuras vividas por Tom e Becky.

– Tom, não encontrei o tesouro no quarto número dois... Só garrafas de uísque.

– E nem poderia encontrar, Huck, pois este tesouro nunca esteve no quarto... Está na caverna!

– Como? – Hucky levou um susto.

– Você me ajuda a tirá-lo de lá?

– É claro que ajudo! Mas não quero me perder na caverna... Ainda estou bem fraco, como pode ver...

– Sei de outra entrada, Hucky... Foi por lá que eu e Becky saímos. Ninguém a conhece, posso garantir. Vamos precisar de pão, duas sacolas, velas, fósforos, linha de pipa.

Tão logo arrumaram as provisões, os meninos saíram em busca de um bote. Tom e Hucky colocaram tudo dentro e desceram o rio. Nas proximidades da caverna, Tom apontou o local onde deviam atracar. Por sorte, havia feito uma marca junto a um deslizamento de terra.

– Atrás da moita! – ele entrou no buraco e Hucky seguiu atrás. O primeiro teve o cuidado de amarrar a ponta da linha numa pedra, à entrada do buraco, para garantir retorno. Passaram silenciosamente por galerias, pela nascente onde ele e Becky ficaram até alcançarem o corredor que levava ao declive.

– Foi lá que avistei Índio Joe! – Tom ergueu a vela para iluminar melhor o local. – Consegue ver a cruz com cera de vela na parede da caverna?



curvadosgrilos.blogspot.com

– Sim, consigo!

– Veja agora onde está o número dois... Embaixo da cruz, Hucky. Exatamente onde vi Índio Joe com a vela!

– Vamos embora daqui! – Huckleberry exclamou, com medo de que o fantasma do índio viesse assombrá-los.

– E deixar o tesouro? Nunca! A cruz tem o poder de espantar fantasmas... Índio Joe não voltaria aqui – Tom convenceu o amigo que deviam ficar para procurar o dinheiro.

Depois de descer e examinar mais de perto, viram pegadas no barro e alguns tocos de vela. Decidiram então cavar bem ali, embaixo da fenda da rocha. Após alguns minutos, encontraram uma tábua. Ao removê-la, descobriram uma pequena entrada, que os conduziu a um esconderijo...

– A caixa do tesouro! – os dois exclamaram ao mesmo tempo.

– Estamos ricos!

– Nós conseguimos!

Tom e Huck descobriram também duas pistolas, três sapatos e um cinto de couro. Mas nada disso os interessou. Tiraram as moedas da pesada caixa, distribuindo-as nas duas sacolas. Deixaram a caverna e olharam em volta para ver se alguém os tinha visto. Só então entraram no barco e remaram de volta ao vilarejo, ao anoitecer. Lá chegando, Tom pegou emprestada uma carriola para transportar as sacolas. Para que ninguém percebesse, cobriram-nas com sacos velhos.



– O melhor lugar para esconder o dinheiro é o depósito de madeira da viúva Douglas! – Tom decidiu, com apoio de Hucky.

Mas, ao passarem nas proximidades da casa do Sr. Jones, a caminho da casa da viúva, ele os avistou.

– Meninos! Está cheio de gente querendo ver vocês lá na casa da viúva Douglas! Puxa, estão carregando algo bem pesado! Tijolos? – ele aproximou-se, curioso.

[...]

TWAIN, Mark. *As aventuras de Tom Sawyer = The adventures of Tom Sawyer*.  
Adaptação e tradução Telma Guimarães. São Paulo, Editora do Brasil, 2009.

A história de Tom Sawyer foi adaptada para o cinema diversas vezes. Veja algumas:

- *Tom e Hucky: em busca do grande tesouro*. Direção: Peter Hewitt. EUA, 1995.
- *Tom Sawyer*. Direção: Don Taylor. EUA, 1973, 104 min.
- *As aventuras de Tom Sawyer*. Direção: Norman Taurog. EUA: 1938, 119 min.



curvadosgrilos.blogspot.com

**Divirta-se e compare com a versão encontrada no livro!**

1. Identifique, neste pequeno trecho da narrativa, os elementos de uma narração

<b>Personagem</b>	
<b>Tempo</b>	
<b>Espaço</b>	
<b>Enredo</b>	
<b>Foco narrativo</b>	

2. Retire do texto o trecho em que Tom revela onde está o tesouro.

---



---

3. O que Tom declara que vão precisar para a investida rumo ao tesouro?

---

4. Qual foi a estratégia utilizada por um dos meninos para não se perder na caverna?

---

5. No trecho do 9º parágrafo “**Ele** entrou no buraco e Hucky seguiu atrás. O **primeiro** teve o cuidado de amarrar a ponta da linha numa pedra, à entrada do buraco, para garantir retorno.”, identifique quais são os personagens que os termos destacados substituem.

---



---

6. Por que Huckleberry decide ir embora antes de encontrar o tesouro?

---

---

7. Como Tom consegue convencê-lo a continuar a caça ao tesouro? Retire do texto o trecho que comprova a sua resposta.

---

---

8. Explique o efeito de sentido do uso do ponto de exclamação nos trechos abaixo apresentados.

“– A caixa do tesouro! – os dois exclamaram ao mesmo tempo.”

“– Estamos ricos!”

“– Nós conseguimos!”

---

---

9. O que Tom e Hucky descobriram junto com o tesouro?

---

---

10. Qual foi o lugar escolhido para esconder o tesouro?

---

---





Vamos à leitura de um trecho da segunda parte do trabalho mais conhecido do autor Swift – “**As viagens de Gulliver**”. Uma recriação desta narrativa de aventura foi lançada, recentemente, no cinema.

## TEXTO 12

### SEGUNDA PARTE

#### Viagem a Brobdingnag

#### 1. Pequeno demais para ser visto

Minha mulher Mary não gostou nem um pouco quando eu, dois meses após meu retorno à Inglaterra, comuniquei a ela que dali a alguns dias embarcaria em direção à África, num navio cujo nome era irresistível para mim: Aventura.

Ela continuou cozinhando, sem querer levantar os olhos do fogão. Ainda tentei tranquilizá-la, dizendo que, depois de Lilliput, nada de surpreendente ou mais perigoso poderia acontecer... Mary fez apenas um muxoxo e eu percebi que o seu sexto sentido a fazia desconfiar de minhas palavras...

Os primeiros 20 dias de viagem não foram muito calmos, pois os ventos fortes dificultavam as operações de bordo e a manutenção da rota. Na madrugada do 21º dia, o Aventura foi atingido por uma violenta tempestade que, embora tenha durado horas, foi suficiente para fazer com que perdêssemos nossa localização no mapa.

O dia seguinte amanheceu claro e bonito. Logo avistamos, ao sul, alguns rochedos, que poderiam pertencer a uma ilha ou mesmo a um continente. Como já se esgotava nossa água potável, o comandante ordenou a 12 homens que tomassem um bote e procurassem fontes ou rios; talvez até achassem alguém que nos informasse sobre nossa localização. Parti com eles.



melhorpapeldeparede.com

Foi um pouco custoso alcançar a praia, por causa dos recifes enormes e pontiagudos. Quando, finalmente, chegamos, resolvemos nos separar. Eu, com minha experiência, iria por um lado e os outros homens pelo outro, até nos encontrarmos no ponto de partida, duas horas depois.

Andei bastante tempo sem encontrar vestígio de água. Decidi voltar para ver se os marinheiros tinham tido melhor sorte. Quase próximo ao lugar combinado, olhei para o mar e vi meus companheiros no bote, afastando-se rapidamente da praia em direção ao navio.

Eles haviam me esquecido em terra! Comecei a chamá-los:

– Esperem! Estou aqui!

Porém, meu último grito ficou preso na garganta e meu olhar fixo na figura de um homem de mais ou menos 20 metros de altura, que ia no encalço do bote e do Aventura.

A enorme criatura encontrava alguma dificuldade para andar no mar: os recifes, com certeza, machucavam seus pés. Apavorado com aquilo, meu único pensamento foi sumir dali o mais rápido possível. Dei meia-volta e saí em disparada pelo mesmo caminho que acabara de percorrer. Subi pela encosta de uma colina e, à medida que corria, fui notando que o tamanho das plantas era muito estranho: o capim tinha pelo menos seis metros de altura e os pés de milho, uns 12 metros.

Por mais de uma hora, andei por uma estrada que cortava o milharal, até que não consegui ir mais adiante: entre o campo de milho e a outra plantação, havia uma cerca intransponível. E a escada de acesso – pois havia uma diferença de nível – possuía quatro degraus de pedra, cada um mais alto do que eu, mesmo com os braços esticados.

Fiquei ali parado, sem saber o que fazer. De repente, um habitante do lugar veio em minha direção. Parecia uma torre ambulante. O terror paralisou-me por alguns minutos.

[...]

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Adaptação em português de Claudia Lopes. São Paulo: Scipione, 2001.

Responda às questões abaixo, com base na leitura de um trecho da obra de Swift.

1. Releia o primeiro parágrafo e explique o que o narrador quis dizer com “... dali a alguns dias embarcaria em direção à África, num navio cujo nome era irresistível para mim: Aventura.”

---



---



---



---

2. Qual é o sentido da última frase do segundo parágrafo “Mary fez apenas um **muxoxo** e eu percebi que o seu **sexto sentido** a fazia desconfiar de minhas palavras...”. Explique, também, o significado dos termos destacados.

---



---



---



---



---



---

3. Que episódio da narrativa impediu Gulliver de continuar chamando os companheiros que o haviam esquecido em terra e afastavam-se rapidamente da praia?

---



---



orwelltoday.com

4. O que havia de inusitado com a vegetação daquele lugar?

---



---



---

5. O que impediu Gulliver de ir mais adiante pela estrada que cortava o milharal?

---



---



---



Versão cômica do clássico “As viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, em que o escritor Lemuel Gulliver sai em missão às Bermudas e acaba na ilha de Lilliput, habitada por uma raça de seres minúsculos.

<http://www.zevariedades.com/filmes/filme-as-viagens-de-gulliver-sinopse-e-trailer/>

Visite o site da Educopédia. Selecione em Extras: Grandes Obras, a aula de nº 11: Viagens de Gulliver.





Robinson Crusóé é um livro que trata das aventuras de um rapaz que, aos dezoito anos, decide abandonar o lar para ser marinheiro. Veja o capítulo inicial de uma versão de “Robinson Crusóé” – momento em que o protagonista deve tomar uma decisão que determinará o seu destino.

## ROBINSON CRUSÓÉ

Daniel Defoe

1ª Parte – Aventura no sangue

Apelo irresistível

### TEXTO 13



Nasci na cidade de Iorque, Inglaterra, no ano de 1632. Meus pais eram típicos representantes da classe média. Aliás, orgulhavam-se disso. Estrangeiro de Bremen, Alemanha, meu pai instalou-se inicialmente em Hull, uma pequena cidade a leste da Inglaterra. Tornou-se um próspero comerciante para depois abandonar seu negócio e ir viver descansando em Iorque. Foi aí que conheceu e casou com minha mãe, de sobrenome Robinson, nascida numa das famílias mais conhecidas da região. Quando me dei por gente, já carregava o sobrenome de Robinson Kreutznaer, os dois nomes lembrando as origens familiares. Demorou pouco para ser chamado de Robison Crusóé: talvez pela natural tendência dos povos para nacionalizarem nomes, ou então pela característica da minha região natal de abreviar e simplificar as palavras.

Tive dois irmãos mais velhos. Um deles era tenente-coronel da infantaria inglesa e foi morto numa batalha contra os espanhóis, perto de Dunquerque, no norte da França. Nunca soubemos, meus pais e eu, o que aconteceu com meu outro irmão. Simplesmente “evaporou-se”, sem deixar rastro, sem enviar notícias.

Filho caçula, haviam-me reservado um futuro exemplar: a carreira de advogado, o casamento com uma moça de família tradicional, filhos, prosperidade a ponto de levar uma vida sem sobressaltos ou apertos financeiros, velhice pacata... Enfim, uma vida sem grandes glórias, mas igualmente a salvo de sofrimentos e desgraças... Meus sonhos, porém, eram outros: queria viajar, conhecer o mundo, viver emoções e aventuras...

Minha mãe tentou dissuadir-me usando seus melhores argumentos: alternava momentos de carinho com outros de saudade antecipada, os olhos ameaçando avermelhar-se de choro contido. Ingredientes que, ao lado da preocupação maternal, sempre fizeram parte do seu jogo emocional.

A atitude de meu pai foi a esperada: assim que pressentiu o perigo de ter um aventureiro na família, chamou-me para uma conversa reservada:

– Que razões tem você para buscar a aventura, um futuro incerto? Esta sua atitude é característica de quem está em sérias dificuldades ou então de quem quer enriquecer rapidamente... É melhor contentar-se com um padrão de vida de classe média, com garantia de paz e satisfação... Sei que pode não ser muito romântico, mas saiba que as desgraças sempre acabam por atingir os mais ricos e os mais pobres. Nunca a classe média!...

Como nada respondi, meu pai continuou:

– Isso para não falar dos aventureiros irresponsáveis. Olhe o exemplo do seu irmão: morreu numa guerra estúpida, em troca de uns poucos momentos de glória...

Ao lembrar o filho morto, meu pai permitiu que a emoção abrisse uma brecha na defesa montada em torno dos seus argumentos sempre lógicos e racionais: foi a primeira e única vez que o vi chorar. Depois concluiu:

– Não, meu filho, não vou impedi-lo de sair de casa, de buscar seu próprio caminho. Se quiser ficar, terá todo o meu apoio. Mas, se resolver correr o mundo, não espere pela minha compreensão... É melhor que fique preparado para enfrentar problemas de toda espécie...

Sensibilizado por suas palavras, procurei, sinceramente, seguir sua orientação. Mas durou muito pouco tempo. Menos de uma semana depois, já me empolgava com novos sonhos de viagens e aventuras. Passei a evitar conversas com meu pai: não desejava ouvir outras reprimendas.

Tentei ainda uma vez valer-me de mamãe para ganhar o consentimento paterno. Disse-lhe que a vontade de ver o mundo era tão grande que se tornava impossível contentar-me com o pequeno universo de lorque. E mais: que já tinha dezoito anos, não aprendera ofício algum, era muito tarde para iniciar-me numa banca de advogado e que era melhor papai dar seu consentimento, assim eu sairia de casa sem ressentimentos e com sua bênção.

De nada adiantou esta conversa: além de deixar mamãe aflita, sua intercessão junto a meu pai resultou nula. Não, era inútil esperar pelo seu consentimento... A escolha teria de ser minha: podia viver feliz em casa, ou ser infeliz, perambulando sem destino pelo mundo...

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé: a conquista do mundo numa ilha. Adaptação em português de Werner Zotz*. São Paulo: Scipione, 2001.

**A partir da leitura deste trecho inicial da narrativa “Robinson Crusóé”, responda às questões propostas.**

1. Quais eram as expectativas dos pais de Robinson com relação ao seu futuro?

---

---

---

2. Estas expectativas coincidiam com os sonhos de Robinson?

---

---

3. Como a mãe tentou fazer Robinson desistir de viver emoções e aventuras pelo mundo?

---

---

4. Como o pai reagiu assim que pressentiu o perigo de ter um aventureiro na família?

---

---

5. Qual foi a primeira vez que Robinson viu seu pai chorar?

---

---

---

6. Que argumentos foram utilizados pelo pai de Robinson para convencer o filho a não buscar a aventura?

---

---

---

6. Retire, do texto, o trecho em que Robinson apresenta argumentos a sua mãe com o objetivo de obter o consentimento do pai para uma vida de aventura.

---



---



---



---



---



---



---

Um dia, Robinson decide aventurar-se pelo mundo. Sem avisar ninguém, embarca num navio e ...

Quer continuar a ler esta história?

Leia a narração completa no livro "Robinson Crusóé", uma das várias publicações que trazem a obra de Daniel Defoe.



**Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione em  
Extras: Grandes  
Obras, a aula de  
nº 12:  
Robinson  
Crusóé.**



# Sugestão de leitura!



**A Ilha do Tesouro** é um clássico da literatura infanto-juvenil, com piratas e tesouros enterrados que tem, como narrador, um herói adolescente que conta a sua própria história – um garoto chamado Jim Hawkins, filho de proprietários de uma pequena pensão numa cidade litorânea da Inglaterra. Após a chegada de um velho lobo do mar, acaba embarcando em busca de um tesouro e vive muita ação e aventura.

Visite o site da Educopédia.  
 Selecione em Extras: Grandes Obras, a aula de nº 13: A Ilha do Tesouro.



**FIQUE LIGADO!!!!!!**



Foi nesse livro que, pela primeira vez, apareceu um mapa do tesouro, onde a arca cheia de ouro enterrada estava marcada com um grande X, hoje tão comum nesse tipo de história.

E também foi neste livro que o conhecido estereótipo de pirata – aquele com perna de pau e um papagaio no ombro – apareceu e se tornou popular.

<http://pt.wikipedia.org/>



CARRASCO, Walcyr. *Viagem ao centro da terra*. São Paulo: FTD, 2007.

Nas **narrativas de aventura**, o leitor é conduzido por ações encadeadas a partir do desenvolvimento de temas fascinantes como viagem, por exemplo. A viagem, na aventura, é repleta de obstáculos e perigos que desafiam a coragem do aventureiro.

Em “Viagem ao centro da Terra”, de Julio Verne, é narrada uma grandiosa viagem às profundezas subterrâneas do planeta Terra. Quem conta a história é Axel, sobrinho de um ilustre geólogo alemão, Dr. Otto Lidenbrock.

O cientista alemão Lidenbrock encontra um manuscrito escrito em código, dentro de um livro antigo. Após decifrar a mensagem, descobre que um alquimista islandês do século XVI viajou ao centro da Terra. Acompanhado do sobrinho Axel, inicia uma aventura delirante ao ainda desconhecido interior do planeta.

Você poderá associar os conhecimentos científicos apresentados na leitura deste livro ao conteúdo de Ciências apresentado no I e II Material Pedagógico, que aborda os Ambientes da Terra, as Camadas da Terra, entre outros.

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione em  
Extras: Grandes  
Obras, a aula de  
nº 16:  
Viagem ao  
centro da terra.



Leia, abaixo, uma das versões resumidas de “Viagem ao centro da terra”, o momento em que Axel se perde do grupo.

**TEXTO 14**

**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**

Julio Verne

Desespero e escuridão

[...]

Tudo corria bem, até que algo muito grave aconteceu comigo. Foi assim: no dia 7 de agosto, atingimos um trecho do túnel que era um pouco mais inclinado. Eu ia na frente, seguido por meu tio. De repente, ao me virar, estava sozinho. Talvez tivesse andado muito depressa e resolvi voltar para alcançar meus companheiros. Andei durante quinze minutos e não os encontrei. Chamei por eles e não obtive resposta. Andei mais meia hora. Um silêncio medonho reinava na galeria. Lembrei-me do riacho. Bastaria voltar, acompanhando seu curso, e certamente encontraria a pista de meus companheiros. Abaixei-me para tocar a água e descobri que estava tudo seco. O córrego havia sumido!

Entrei em desespero. Morreria de sede e de fome! O córrego devia ter seguido outro caminho. Não havia uma única pista para poder voltar. Eu estava perdido nas entranhas da Terra.

Tentei pensar em outras coisas, como a nossa casa em Hamburgo, minha querida Grauben, meu tio, que a essa altura devia estar desesperado à minha procura. Rezei para encontrar uma saída.

Eu ainda tinha alimento e água para três dias. Precisava fazer alguma coisa, mas não sabia se devia subir ou descer. Resolvi subir. Precisava encontrar o córrego.

Subi, mas não reconheci o caminho. Tive certeza de que aquela galeria não me levaria a lugar nenhum. Desesperado, sem enxergar direito e muito nervoso, bati contra a parede e caí.

Algun tempo depois, acordei perdido num labirinto de curvas. Minha lanterna estava amassada, com luz fraca. A qualquer momento, poderia se apagar. Meu desespero aumentou. Comecei a correr naquele labirinto sem saída, chamando, gritando, uivando, batendo contra as rochas. Depois de algumas horas, caí novamente e perdi a consciência.

Quando recobrei os sentidos, percebi que estava machucado. Nunca senti uma solidão tão grande em toda a minha vida. Ia desmaiar novamente, quando ouvi um ruído forte em algum lugar daquele abismo. Talvez fosse a explosão de algum gás ou uma pedra caindo. Depois, o silêncio voltou a reinar.

Encostei o ouvido na muralha e escutei palavras incompreensíveis ao longe. Seria uma alucinação? Prestei atenção e ouvi novamente um murmúrio. Eram vozes humanas!

Só podiam ser de meu tio e Hans. Se eu os ouvia, certamente eles me ouviriam também.

– Aqui! Aqui! – gritei, com todas as minhas forças.

Não tive resposta. Encostei meu ouvido na pedra de novo e, dessa vez, ouvi meu nome bem claro! Era meu tio quem pronunciava. Eu não tinha tempo a perder. Se eles se afastassem, talvez não me ouvissem mais. Cheguei bem perto da muralha e gritei da forma mais clara possível:

– Tio Lidenbrock!

Passaram-se alguns segundos, que pareciam séculos, e então ouvi:

– Axel!, Axel! É você?

– Sim, sou eu – respondi.

– Onde você está?

– Perdido na mais completa escuridão! Minha lanterna quebrou e o córrego desapareceu.

– Tenha coragem! Não se desespere, Axel!

Calculando o tempo que o som levava para ser ouvido, descobrimos a distância que nos separava. Segundo meu tio, que estava numa enorme caverna, da qual partiam diversas galerias, eu deveria descer para encontrá-los.

– Ande, se for preciso, arraste-se, escorregue pelas rampas e você vai nos encontrar no fim do caminho. Venha, meu filho, venha!

Essas palavras me reanimaram. Parti ao encontro deles cheio de esperança. Minhas forças estavam no fim. Eu só conseguia me arrastar. A galeria inclinada me conduziu a uma velocidade assustadora. Escorreguei pelas pedras, sem poder me segurar em parte alguma, até bater a cabeça em uma rocha e perder os sentidos mais uma vez.

[...]

Responda às questões abaixo, sobre um trecho retirado do livro “Viagem ao centro da terra”.

1. Você identificou o narrador desta história? Retire do texto a frase que comprova sua resposta.

---

---

2. Você lembra?

O **narrador-personagem** - conta na 1ª pessoa a história da qual participa também como personagem.

O **narrador-observador** - conta a história na 3ª pessoa, sem participar das ações.

Neste trecho da narrativa, como você classifica o narrador? \_\_\_\_\_

3. Axel cai e perde os sentidos três vezes. Identifique as causas destas três quedas.

---

---

---

---

4. Com base na narrativa, justifique o título dado.

---

---

---

*Espaço pesquisa!*

Em “Viagem ao centro da Terra”, de Júlio Verne, Lidenbrock e Axel viajaram da Alemanha para a Islândia. Na Islândia, os personagens desceram por um vulcão e, no final da aventura, saíram por outro vulcão na Itália. Procure, no mapa-múndi, em que continentes estes países estão localizados, e escreva, aqui, seus respectivos continentes:

---

O **HUMOR** também é um ingrediente de muitas narrativas.

**TEXTO 15**

*Esta é a história de quatro amigos que quiseram dar uma de pescador...*

*Não pescaram nada, morderam a isca e foram fisgados!*

**PESCADORES**

Domingo pede cachimbo, todo domingo aquele esquema: praia, bar, soneca, futebol, jantar em restaurante. Acaba em chatura. Os quatro jovens executivos sonhavam com um programa diferente.

– Se a gente desse uma de pescador?

– Falou.

Muniram-se do necessário, desde o caniço até o sanduíche incrementado e saíram rumo à praia deserta, mais piscosa, mais sensacional.

Lá estavam felizes da vida, à espera de peixe. Mas os peixes, talvez por ser domingo, e todos os domingos serem iguais, também tinham variado de programa – e não se deixavam fisgar.

– Tem importância não. Daqui a pouco aparecem. De qualquer modo, estamos curtindo.

– É.

Peixe não vinha. Veio pela estrada foi a Kombi, lentamente. Parou, saltaram uns barbudos:

– Pescando, hem? Beleza de lugar. Fazem muito bem aproveitando a folga num programa legal. Saúde. Esporte. Alegria.

– Estamos só arejando a cuca, né? Semana inteira no escritório, lidando com problemas.

– Ótimo. Assim é que todos deviam fazer. Trocar a poluição pela natureza, a vida ao ar livre. Somos da televisão, estamos filmando aspectos do domingo carioca. Podem colaborar?

– Que programa é esse?

– *Aprenda a viver no Rio*. Programa novo, cheio de bossas. Vai ser lançado semana que vem. Gostaríamos que vocês fossem filmados como exemplo do que se pode curtir num dia de lazer, em benefício do corpo e da mente.

– Pois não. O grilo é que não pescamos nada ainda.

– Não seja por isso. Tem peixe na Kombi, que a gente comprou para uma caldeirada logo mais.

Desceram os aparelhos e os peixes, e tudo foi feito com técnica e verossimilhança, na manhã cristalina. Os quatro retiravam do mar, em ritual de pescadores experientes, os peixes já pescados. O pessoal da TV ficou radiante:

- Um barato! Vocês estão ótimos.
- Quando é que passa o programa?
- Quinta-feira, horário nobre. Já está sendo anunciado.

Quinta-feira, os quatro e suas jovens mulheres e seus encantadores filhos reuniram-se no apartamento de um deles – o que tivera a ideia da pescaria.

- Vocês vão ver os maiores pescadores da paróquia em plena ação.

O programa, badaladíssimo, começou. Eram cenas do despertar e da manhã carioca, trens superlotados da Linha Auxiliar, filas no elevador, escritórios em atividade, balconistas, telefonistas, enfermeiras, bancários, tudo no batente ou correndo para. O apresentador fez uma pausa, mudou de tom:

“– Agora, o contraste. Em pleno dia de trabalho, com a cidade funcionando a mil por cento para produzir riqueza e desenvolvimento, os inocentes do Leblon dedicam-se à pescaria sem finalidade. Aí estão esses quatro folgados, esquecidos de que a Guanabara enfrenta problemas seriíssimos e cada hora desperdiçada reduz o produto nacional bruto...”

- Canalhas!
- Pai, você é um barato!
- E eu que não sabia que você, em vez de ir para o escritório, sai para pescar com a patota, Roberto!
- Se eu pego aqueles safados, mato eles.
- E o peixe, pai, você não trouxe o peixe pra casa!
- Não admito gozação!
- Que é que vão dizer amanhã no escritório!
- Desliga! Desliga logo essa porcaria!

Para aliviar a tensão, serviu-se uísque aos adultos, refrigerante aos garotos.



Após a leitura deste texto, responda às questões propostas.

1. Quando acontece a pescaria?

---

2. Qual é o sentido das expressões destacadas nos trechos do texto:

a) “– **Falou.**” (3º parágrafo)

---

---

b) “– Estamos só **arejando a cuca**, né? (10º parágrafo)

---

---

c) “– Um barato. Vocês estão ótimos.” (17º parágrafo)

---

---

d) “Pois não. O **grilo** é que não pescamos nada ainda.” (14º parágrafo)

“Grilo” é o mesmo que “problema”.

e) “– E eu que não sabia que você, em vez de ir para o escritório, para pescar com a **patota**, Roberto!”

---

3. O que os barbudos da kombi propuseram aos quatro jovens?

---

---

---

---

4. Dê a sua opinião sobre a atitude da equipe de TV com relação ao que foi dito aos jovens executivos para a gravação da pescaria.

---

---

5. Qual é o efeito de sentido das reticências na última frase do trecho “– Agora, o contraste. Em pleno dia de trabalho, com a cidade funcionando a mil por cento para produzir riqueza e desenvolvimento, os inocentes do Leblon dedicam-se à pescaria sem finalidade. Aí estão esses quatro folgados, esquecidos de que a Guanabara enfrenta problemas seriíssimos e cada hora desperdiçada reduz o produto nacional bruto...”?

---

---

---

---

---

---

**Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a aula  
de nº 13:  
Narrativas de  
Humor –  
Características e  
Temáticas.**



**Vamos nos divertir um pouco com a narrativa a seguir!**

**TEXTO 16**

### DIFERENCIANDO UMA VACA DA OUTRA

Era uma vez dois irmãos. O pai deles morreu e eles herdaram duas vacas. Depois do enterro, foram dividir a herança.

– Zé, como vamos fazer pra saber qual é a tua vaca e qual é a minha?

– Olha, Tunico, tive uma ideia. Eu corto a orelha da minha vaca. A vaca com orelha fica sendo sua, a sem orelha fica sendo minha.

E assim fizeram. Mas eles tinham um vizinho que adorava enganar os outros e de noite foi lá e cortou a orelha da outra vaca. De manhã os irmãos entraram em pânico:

– E agora, Zé, como fazemos pra saber qual é a sua vaca e qual é a minha?

– Cortamos a outra orelha da sua vaca. A vaca que tem ainda uma orelha fica sendo minha, a sem orelhas fica sendo sua.

Concordaram. Mas, de noite, o vizinho foi lá e cortou a orelha da outra vaca também.

Na manhã seguinte, novo pânico.

– Que fazemos, Tunico?

– Vamos cortar os chifres.

E cortaram os chifres de uma das vacas para fazer a diferença.

O vizinho foi lá e cortou os chifres da outra vaca.

E aí surgiu outro impasse.

– E agora, Zé?

– O rabo, Tunico.

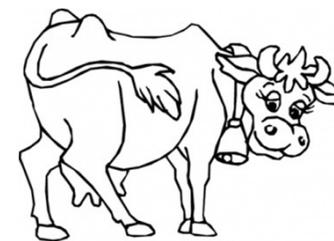
E cortaram o rabo de uma das vacas.

– Agora a vaca com rabo é sua e a sem rabo é minha – disse Tunico.

Na manhã seguinte, o vizinho malvado tinha cortado o rabo da outra vaca.



sitiovacapreta.com



varbak.com

Os dois irmãos se desesperaram:

– E desta vez, o que vamos fazer?

Tunico pensou, pensou. Zé pensou, pensou. Ao mesmo tempo, os dois tiveram uma ideia:

– Vamos fazer o seguinte: tu ficas com a vaca branca e eu fico com a preta.

ZIRALDO. *As anedotinhas do bichinho da maçã*. São Paulo: Melhoramentos 2006.

**Responda às questões propostas sobre o texto que foi retirado do livro “as anedotinhas do bicho da maçã”.**

1. No trecho “– Zé, como vamos fazer pra saber qual é a **tua** vaca e qual é a **minha**?”, o pronome destacado faz referência a quem?

---

2. No trecho “Concordaram. **Mas**, de noite, o vizinho foi lá e cortou a orelha da outra vaca também.”, que relação o termo destacado, que introduz uma frase, estabelece com a frase anterior?

---

3. Qual é o efeito de sentido da repetição do verbo em “pensar” nos trechos “Tunico pensou, pensou.” e “Zé pensou, pensou.”?

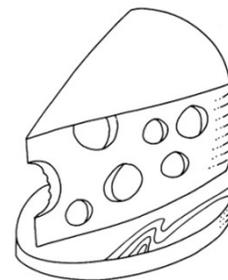
---

4. Retire do texto o trecho que gera humor nesta história.

---

---

**TEXTO 17**



coloridesenhos.com

**O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE**

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacó e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

– Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

– Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

– Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

Glossário:

bagageiro – condutor de bagagens

escada de Jacó – representa a ligação entre a Terra e os Céus

Responda às questões abaixo, sobre o texto “O caboclo, o padre e o estudante.”

1. Qual foi a solução encontrada pelo padre para dividir o pequeno queijo de cabra?

---

---

2. Que trecho do último parágrafo justifica o fato de o caboclo ter comido o queijo?

---

---

3. Você sabia que “vosmecê” é um pronome? No parágrafo “– Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.”, que substantivos este pronome substitui?

---

---

4. O que gera humor nesta narrativa?

---

---

**TEXTO 18**

**DIVIRTA-SE MAIS UM POUCO!**

Aí o pão-duro ficou doente. Quando o amigo disse o preço da consulta, ele levou um tremendo susto. Como fazer?

Então ele mesmo, o amigo, disse que conhecia um médico que era barateiro. E com uma vantagem: quando o cliente voltava pela segunda vez, ele só cobrava a metade do preço.

O pão-duro não teve dúvidas. Chegando no consultório médico indicado, foi entrando e dizendo:

– Bom dia, doutor. Sou eu, de novo!

Responda às questões propostas a respeito do Texto 18.

1. Qual foi a estratégia utilizada pelo pão-duro para pagar a metade do preço?

---



---

2. Qual é o sentido da expressão “pão-duro”?

---

3. Releia o trecho “Então ele mesmo, o amigo, disse que conhecia um médico que era barateiro.”, o que significa “barateiro”?

---

Responda às questões abaixo, após a leitura do texto ao lado.

**TEXTO 19**



Folheto Publicitário

1. No primeiro quadrinho: “Hagar, você tem um problema que vai **me** impedir de ajudá-**lo**.”, a quem os pronomes destacados fazem referência?

---



---

2. O que gera humor nesta tira em quadrinhos?

---



---



---



---



---

Nas histórias em quadrinhos, as narrativas se dão numa sequência de pequenos quadros desenhados, com ou sem texto escrito. Na maioria das vezes, a fala das personagens vem, no quadro, circunscrita por um balão. Você, que teve contato com contos de fadas e fábulas, percebeu que, nestes gêneros, animais e outros seres imaginários podem assumir características humanas. Tudo é permitido na ficção. Veja como a tira abaixo “brinca” com estas questões.

**TEXTO 20**



ZIRALDO. *As melhores tiradas do menino maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

A partir da tirinha de Ziraldo, responda às questões propostas.

1. No terceiro quadrinho: “Os gnomos tão cansados de me dizer que elas não existem!”, os pronomes destacados substituem quais termos da história em quadrinhos?

---



---

2. O que gera humor?

---



---



---

LEIA OS TEXTOS A SEGUIR E RESPONDA ÀS QUESTÕES PROPOSTAS.

TEXTO 21



chargesdaweab.blogspot.com

Visite o site da  
Educopédia.  
Selecione a aula  
de nº 09:  
Histórias em  
quadrinhos,  
cartuns e charges:  
características e  
temáticas.



1. Qual é a expectativa do personagem no primeiro quadrinho, ao avistar, ao longe, uma placa?

---

---

2. Qual é o efeito de sentido dos pontos de interrogação no segundo quadrinho?

---

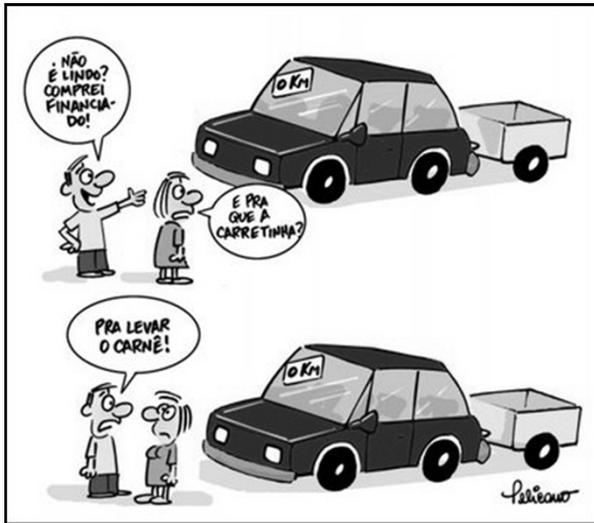
---

3. Por que o personagem demonstra frustração e esgotamento no último quadrinho?

---

---

**TEXTO 22**



bistory.wordpress.com

Responda às questões propostas ao texto ao lado.

1. Por que o carro necessita de uma carretinha para

---



---

2. Há uma crítica presente neste texto. Qual?

---



---



---

**TEXTO 23**



Ziraldo. As melhores tiras do Menino Maluquinho. São Paulo: Melhoramentos 2000. p. 77.

1. Por que a personagem pede para amiga falar alto?

---



---

2. Analise a expressão da personagem no segundo quadrinho ao dizer "Claro Juju! Pra ninguém!" O que ela transmite?

---



---



---

**TEXTO 24**



Laerte. Suriá, a garota do circo. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000.

1. Como o médico comprovou que o dedo de Suriá estava mesmo quebrado?”

---

---

---

2. Qual é o motivo da personagem Suriá estar com o dedo machucado?

---

---

3. Na fala de Suriá, no segundo quadrinho, a quem se refere o pronome pessoal “ela”?

---

---

4. O que o médico quis dizer com a expressão “dia dolorido”, no segundo quadrinho?

---

---

---

5. Qual foi a causa de Úrsula ter se machucado também?

---

---

---

---

6. O que a personagem desejou expressar com a frase “Ficou bacana!”, no terceiro quadrinho?

---

---

7. Que recurso é utilizado no quadrinho para demonstrar o susto que o médico levou ao conhecer Suriá?

---

---

---

8. O que causa humor na história em quadrinhos?

---

---

TEXTO 25



Laerte. Suriá: a garota do circo. São Paulo: Devir, 2000. p. 62.

1. Por que a menina confirma que estão namorando, no quarto quadrinho?

---

---

2. Qual foi o recurso utilizado no quadrinho para expressar que todos falaram ao mesmo tempo “Beija! Beija! Beija!”?

---

---

3. Por que, no último quadrinho, a palavra “Beija!” aparece repetida, em negrito e tamanho maior?

---

---

4. Qual é a reação de Suriá e Felipe, no último quadrinho?

---

---

